



PODE DEUS SOFRER?

(Can God suffer?)

Maria Goretti de Oliveira

Bacharel em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE)

Mestranda em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/ SP)

E-mail: gorette.oliveira@paulinas.com.br

RESUMO

Este artigo se propõe a analisar a seguinte questão: Pode Deus sofrer? As motivações que nos levaram a aprofundar este tema estão fundamentadas na tentativa de compreender se Deus sofre, como se dá esse sofrimento na paixão e morte do seu Filho e de que modo ele participa do sofrimento humano. Portanto, esta pesquisa indaga acerca do fato de que o sofrimento é uma realidade presente na vida de todos e por essa razão nos perguntamos qual é a estreita relação entre um Deus que é bondade e compaixão e o sofrimento humano. Como conciliar Deus e o sofrimento? Será que Deus também sofre ou somente assiste ao nosso sofrimento? Deus não poderia ter criado um mundo sem dor? Onde está Deus no sofrimento? Estas são algumas perguntas levantadas nesta pesquisa, nas quais estão intrínsecas nossas reflexões.

Palavras-chave: Sofrimento; Paixão; Dor; Compaixão; Misericórdia; Apatheia; Solidariedade.

ABSTRACT

This article aims to analyze the following question: Can God suffer? The motivations that led us to develop this theme are based on the attempt to understand if God suffers, how that suffering is in the passion and death of his Son and how he takes part in the human suffering. Therefore, this research asks about the fact that suffering is a present reality in the lives of all and for this reason we ask what is the close relationship between a God who is kindness and compassion and the human suffering. How to reconcile God and suffering? Does God also suffer or just watch our suffering? God could not have created a world without pain? Where is God in suffering? These are some questions raised in this research, in which our reflections are intrinsic.

Keywords: Suffering; Passion; Pain; Compassion; Mercy; Apatheia; Solidarity.

INTRODUÇÃO

O problema do sofrimento sempre levantou questões acerca de Deus. Por que sofrer? Esta pergunta representa uma das angústias mais universais e mais antigas da humanidade. Como perceber o agir salvífico de Deus em nossa história humana, muitas vezes repleta de sofrimentos causados pela fome, guerra, doenças e tantas formas de escravidão?

Dentro desse panorama são diversas as razões que justificam a escolha por este tema; no entanto, a questão do sofrimento *em Deus* é uma das mais sensíveis. Para isso, escolhemos como embasamento teórico de nossa pesquisa o pensamento do teólogo protestante Jürgen Moltmann, que trata desse tema especificamente na obra *O Deus crucificado*. Estamos conscientes da complexidade da questão e longe de soluções totalmente claras e inequívocas a esse respeito, mas o nosso objetivo é o de situar o problema e apontar possíveis luzes que podem servir de guia no caminho que tentaremos traçar.



Em um primeiro momento, abordaremos *o sofrimento de Deus em si mesmo*, no qual perceberemos que a preocupação de Moltmann é superar a imagem divina passada pelos filósofos gregos que nos impede de ver Deus envolvido na história dos seres humanos pois, segundo eles, Deus é impassível e não se deixa tocar pelo sofrimento. Dentro dessa perspectiva, nosso autor propõe um novo olhar, argumentando que se Deus fosse incapaz de sofrer, também o seria de amar. Deus sofre porque ama; nesse sentido, nosso sofrimento o afeta. Sua compreensão de Deus é trinitária, ele deve ser compreendido sempre na relação e na comunhão.

Em seguida, trataremos sobre *o sofrimento de Deus na paixão e morte do Filho*. Para nosso autor, Deus passa pela experiência da cruz, do sofrimento e da morte. Para ele, a cruz é um evento entre Deus e Deus. O Pai sofre a imensa dor do amor pelo Filho. Ele sofre a morte do Filho. Cristo, por sua vez, revela no seu sofrimento a solidariedade de Deus para com todos os que sofrem. A teologia da cruz mostra Deus abandonado, amaldiçoado junto aos marginalizados, como aquele que se compadece pelas cruzes individuais e coletivas que o seu povo carrega.

Por último, falaremos de *Deus e sua participação no sofrimento humano*. Segundo Moltmann, o sofrimento atinge Deus, tanto no sofrimento do povo, quanto no sofrimento do seu Filho crucificado. O autor resgata a imagem divina de um Deus apaixonado e interessado pelo ser humano.

1. O SOFRIMENTO DE DEUS EM SI MESMO

Diante de tantos acontecimentos que levam a uma intensificação do sofrimento, surgem as perguntas: onde está Deus no sofrimento? Como nós podemos crer em Deus quando há sofrimentos tão terríveis no mundo? Por que Deus não impede tal sofrimento? Será Deus apático, como acreditava a filosofia grega? Será que Deus se revela impassível em face desse sofrimento? Ele abandona sua criação à mercê da dor?

Além das calamidades naturais e catástrofes ocorridas em várias partes do mundo, há o sofrimento daqueles que vivem marcados pela opressão e marginalização, que sofrem o flagelo da fome, das guerras políticas ou religiosas, das doenças e da falta de sentido para a vida.

Segundo os filósofos gregos, Deus é impassível, não se deixa tocar pelo sofrimento. Nem mesmo pelo sofrimento alheio, pois isso revelaria a sua fraqueza. De acordo com essa filosofia, o divino não pode padecer, pois se padecer não será divino. Desde Platão e Aristóteles, a perfeição metafísica e ética de Deus é classificada como *apatheia*. A divindade não tem afeições, os sentimentos lhe são estranhos. Segundo essa concepção, Deus também não sentiria amor, compaixão, misericórdia.

O conceito de *apatheia* divina, no entanto, sempre presente na história da tradição cristã, muitas vezes foi posto em questão. Pois tanto no AT como no NT, Deus convive com suas criaturas, escuta os clamores de um povo que sofre, é um Deus compassivo (Cf. Ex 3,7-9). O Deus de Israel se distancia do Deus dos filósofos, pois Deus é tocado pelo que acontece no mundo e reage a isso. Entre Deus e o homem há uma intensa relação. Ocorre uma revolução



no conceito de Deus. Do Deus impassível grego ao Deus bíblico que se compadece e se deixa afetar pela dor das pessoas (Cf. Os 11,1-11) e que se entrega na cruz.

“Esse foi o escândalo que o cristianismo causou aos gregos e judeus, aos fariseus e estoicos e, desde então, a muitos cristãos no seio do próprio cristianismo. É o escândalo da cruz, em que Deus deve tornar-se homem, para sofrer, para morrer e ressuscitar, e em que Deus deve padecer e experimentar a morte. No entanto, essa verdade do Deus sofredor, que tanto espanta os homens, é a revelação mais íntima do cosmos e dos seus arcanos; é a revelação através do envio do Filho, para a nossa salvação, mediante sua paixão e morte. Isso foi a revelação da divindade da dor, pois só o que padece é divino... Unicamente o que é alheado e inumano é que não sofre.”¹

Na compaixão é que encontramos uma das melhores metáforas para falar de Deus. Além do mais, “uma divindade que não participasse de qualquer modo do sofrimento dos humanos, que não se deixasse mover de compaixão, apareceria demais longe e, portanto, privada de interesse, seria inútil, porque, sendo incapaz de dividir seria também incapaz de salvar”.² Contudo, de outra parte se objeta que um Deus muito semelhante a nós, também sujeito ao sofrimento, seria semelhante demais à divindade do mito, carregado dos mesmos limites das pessoas humanas.

No entanto, Deus é amor e na compreensão desse amor, não se poderia, pois, prescindir da experiência cotidiana, a qual nos ensina que quanto mais uma pessoa ama, tanto mais é vulnerável e exposta ao sofrimento. Como conciliar Deus e o sofrimento? Foi isso que Calcedônia procurou fazer, ao atestar que Cristo é plenamente homem e plenamente Deus.

A experiência do sofrimento está radicada nas limitações da própria realidade criada. Se a criação, desde o princípio, está aberta à história do bem e do mal, então aquela criação primeira é uma criação passível e prenhe de dor. Muito mais do que a relação entre pecado e sofrimento, o que aflige de fato é o sofrimento do inocente, o sofrimento do justo, o sofrimento dos pobres, o sofrimento das crianças.³

Contrariamente à filosofia grega, Moltmann propõe o amor de Deus como paixão. Paixão que possui dois sentidos inseparáveis: sofrimento e devoção apaixonada. Conforme o entendimento do autor, o sofrimento de Deus é um sofrimento ativo, ou seja, o amor apaixonado exige que o próprio Deus entre em uma relação recíproca com a humanidade. Nessa relação, Deus se dispõe a sofrer, doando-se e dando-se por inteiro. O amor de Deus é envolvimento com outros. *Pathos* não é uma deficiência do amor humano que deve ser eliminada do conceito do amor divino, e sim a grandeza do amor, sem a qual ele não é um amor reconhecível.⁴ O amor, a forma do *pathos* divino, apresenta-se aqui não como atividade para outros, mas envolvimento com outros.

O teólogo alemão argumenta que se Deus não é passível de sofrimento, conseqüentemente, a paixão de Cristo só poderá ser vista como uma tragédia humana. Segundo o autor, além da

¹ Cf. Das tragische Lebensgefühl, p. 260. In: MOLTSMANN, *Trindade e Reino de Deus*: Uma contribuição para a teologia. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 52.

² Cf. CANOBBIO, Giacomo. *Dio può soffrire?* Brescia: Morcelliana, 2005, p. 6.

³ Cf. MOLTSMANN, J. *Trindade e Reino de Deus*, op. cit., p. 64

⁴ Cf. TD, pp. 190-191. In: BRAZ, Rabelo da Silva. *A mística cristã do sofrimento*. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte: ISI/CES, 2003, p. 96.



capacidade essencial de sofrimento, ou a submissão fatal a ele, existe uma terceira forma de sofrimento, que é a já descrita acima: “É o sofrer ativo, a abertura voluntária para a afeição dos outros, ou seja, o sofrer do amor apaixonado”, e acrescenta: “Se Deus fosse absolutamente incapaz de sofrer, ele também seria incapaz de amar. Se ele, no entanto, é capaz de amar a outros, então ele se abre ao sofrimento que o amor ao outro lhe proporciona e por causa do seu amor ele supera a dor que surge deste sofrimento. Deus não sofre de carência de ser, como a criatura. Ele sofre de seu amor, que é transbordamento de seu ser”.⁵ Pensando desse modo, Deus está sujeito ao sofrimento.

Para Moltmann, o axioma da impassibilidade só é possível na linguagem cristã de Deus, se com isso se quer dizer que Deus não está sujeito ao sofrimento ao modo da criatura contingente. Afinal, se Deus fosse impassível em absoluto, seria incapaz de amar.⁶ E explica que Deus não está sujeito ao sofrimento da mesma forma que estão as criaturas finitas. Contudo, não exclui que Deus, sob certo aspecto, pode perfeitamente sofrer, e que efetivamente sofre. Deus sofre em seu amor e, nesse sentido, ele é passível.⁷

Para o teólogo luterano não se pode conceber Deus a não ser como Trindade. Só é possível falar de Cristo, falando de sua experiência de Deus e de sua experiência do Espírito de Deus. A perspectiva que afirma o sofrimento de Deus supõe obviamente que se reconheça uma relação de identidade entre Trindade econômica e Trindade imanente. Deus se interessa pela sua criação, pelos seres humanos com os quais fez uma aliança. O fechamento a este amor e a esta aliança afeta a Deus e por isso Deus sofre.

Faz-se, portanto, necessário entender o acontecimento da cruz, como acontecimento entre Deus e Deus, como algo intratrinitário. Moltmann não admite um Deus que seja impassível, apático, sádico ou poderoso. Para ele, Deus é patético. Ele interpreta a história dos sofrimentos do povo da aliança e dos mártires como história do sofrimento de Deus.⁸

Deus sofre! Senão não poderia amar. O sofrimento está entre Deus e Deus. Deus não somente se envolve com o sofrimento, mas o sofrimento está nele mesmo, ele participa ativamente deste sofrimento. Porém o sofrimento de Deus não se dá da mesma maneira que o nosso. A sua essência é a misericórdia. Se Deus não for empático, não pode consolar a criatura humana. Somente quem prova um mesmo sentimento é capaz de consolar porque tem empatia.⁹

2. O SOFRIMENTO DE DEUS NA PAIXÃO E MORTE DO FILHO

Em seu livro *Quem é Jesus Cristo para nós hoje?*,¹⁰ Moltmann levanta a questão: como pode a fé cristã compreender a paixão de Cristo como revelação de Deus, se a divindade não pode

⁵ Cf. MOLTSMANN, J. *Quem é Jesus Cristo para nós hoje?* Petrópolis: Vozes, 1997. p. 47.

⁶ Cf. Id., *Trindade e Reino de Deus*. Op. cit., p. 37.

⁷ Cf. Ibid. pp. 37-38.

⁸ Cf. TD, p.186. In: BRAZ, op. cit. p. 97.

⁹ Cf. SDT, p. 192. Id. Ibid., p. 99.

¹⁰ Cf. MOLTSMANN, J. *Quem é Jesus Cristo para nós hoje?* Petrópolis: Vozes, 1997. p. 46.



sofrer? Deus deixa Cristo sofrer por nós, ou Deus mesmo sofre por nós em Cristo? Até que ponto Deus é afetado pela morte de Jesus na cruz?

Para alguns, aceitar o sofrimento de Cristo significava negar a sua divindade. Calcedônia afirma a divindade e humanidade de Cristo. Se Jesus é consubstancial ao Pai, a noção de Pai não pode ficar intacta. Este pensamento de que Cristo é plenamente homem e plenamente Deus perpassa toda a cristologia de Moltmann, que vê no crucificado e ressuscitado o Filho de Deus, a segunda pessoa da Trindade, logo, passível de sofrimento. Jesus revela uma outra face de Deus, um Deus fraco, sofredor, patético.¹¹

Em Moltmann, a cruz é mais que um evento salvífico de Deus para nós; é, sobretudo, um evento entre Deus e Deus. Escreve ele:

Deus pessoalmente está envolvido na história da paixão de Cristo; caso contrário, a morte de Cristo não poderia produzir nenhum efeito redentor. De que maneira, porém, o próprio Deus está envolvido no relato da paixão de Cristo? Como poderia a fé cristã entender a paixão de Cristo como revelação de Deus, se a divindade não pode sofrer? Deus deixa o Cristo sofrer por nós, ou é o próprio Deus que, em Cristo, por nós sofre?¹²

Na paixão do Filho, o próprio Pai sofre a dor do abandono. Na morte do Filho chega à morte o próprio Deus, sofrendo o Pai a morte de seu Filho em amor pela humanidade pecadora. A teologia da entrega só pode ser compreendida com a teologia da dor divina e do co-sofrimento de Deus. Na entrega do Filho, o Pai também se entrega. O Pai sofre a morte do Filho. Ele sofre a imensa dor do amor pelo Filho.¹³

O grito de abandono significa, em Moltmann, o intenso sofrimento que domina o Pai e o Filho, ou seja, Deus mesmo. Na cruz, Deus luta com Deus; Deus clama a Deus; Deus morre em Deus. Na cruz Pai e Filho estão sumamente separados no abandono e, ao mesmo tempo, sumamente identificados na entrega.¹⁴

No entendimento do nosso autor, Cristo sofre a morte, Deus sofre a morte do Filho. Deus estava em Cristo, o Filho, então o sofrimento de Cristo é também sofrimento de Deus e Deus também experimenta a morte na cruz de Cristo.¹⁵

Kitamori, teólogo protestante, afirma que a dor de Deus é a dor do Pai que entrega à morte seu Filho único, infinitamente amado; é a dor do Filho, Jesus, que se entrega a si mesmo à morte de cruz; é a dor de Deus que acolhe na própria dor a dor humana, curando em Cristo nossas feridas.¹⁶

¹¹ BRAZ, Rabelo da Silva. *A mística cristã do sofrimento*. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte: ISI/CES, 2003. pp. 80-82..

¹² Id., *Trindade e Reino de Deus*, op. cit., p. 35.

¹³ Id., *Quem é Jesus Cristo...* op. cit., p. 86.

¹⁴ Ibid., op. cit., p. 83.

¹⁵ Moltmann, 1997b: 40,41.

¹⁶ Cf. KITAMORI, K. *Teología del dolor de Dios*. Salamanca: Sígueme, 1975.



Em Moltmann, a morte em cruz não é somente uma “morte de Deus”, mas uma “morte em Deus”, sendo Deus o sujeito que em Cristo se submete à ignomínia da cruz e no qual, em dependência à “dor” do Filho, se manifesta a “dor” do Pai.¹⁷

Na crucificação de Jesus, com efeito, não somente Deus estava agindo enquanto submetia a si mesmo na cruz, mas também estava com seu próprio Ser naquele Jesus que morria.¹⁸

O autor enfatiza que, embora o Pai e o Filho sofram, esse sofrimento é experimentado de diferentes maneiras: “O Filho sofre a dor e a morte de cruz; o Pai dá seu Filho e sofre sua perda. Embora ambos, Pai e Filho, estejam envolvidos na cruz, seu envolvimento não é idêntico, mas distinto”.¹⁹ Ou seja, quando o Filho morre no abandono da cruz também Deus, seu Pai, sofre o abandono do seu Filho. Os dois sofrem, mas de modo diverso: Cristo sofre a morte, Deus sofre a morte do Filho.²⁰

O Pai, que o abandona e entrega, sofre a morte do Filho com a dor infinita do amor. Ou seja, aqui não se pode dizer, ao modo do patripassionismo, que também o Pai sofreu e morreu. A paixão e morte do Filho no abandono por parte do Pai é um sofrimento distinto do sofrimento do Pai à causa da morte do Filho. A morte de Jesus tampouco se pode entendê-la simplesmente no sentido teopassiano como a “morte de Deus”. É preciso falar trinitariamente para compreender o que ocorreu na cruz entre Jesus e seu Deus e Pai.²¹

Nosso autor conceitua Deus trinitariamente. A morte de Jesus na cruz é o fato que permite falar de Deus triúno, porque na cruz o Filho sofre e morre, o Pai também sofre e morre com ele, mas não da mesma maneira. Tal conceito só pode ser entendido trinitariamente. Na cruz há uma revelação que envolve o Pai, o Filho e o Espírito Santo.²²

Ao conceituar a morte de Jesus como morte “em Deus” e não como morte “de Deus”, Moltmann procura mostrar que o sofrimento e a morte na cruz se referem ao Filho e não ao Pai. O Pai e o Espírito são afetados pela paixão e morte de Jesus de outra forma, pela comunhão existente na Trindade.²³

O Pai sofre a morte do Filho. Ele a sofre na imensa dor do amor pelo Filho. À morte do Filho corresponde, por isso, a dor do Pai. (...) Aqui está em jogo a consistência de Deus, a vida interior da Trindade. Aqui o amor do Pai que se doa se torna a imensa dor por causa da morte. Aqui o amor correspondente do Filho se torna o sofrimento imenso por causa do abandono pelo Pai.²⁴

Conforme o pensamento de Moltmann, na cruz as pessoas divinas se relacionam reciprocamente. No acontecimento da cruz se dá a “história de Deus”, o “acontecimento de

¹⁷ Cf. Moltmann, Il Dio crocifisso. In: ROCCHETTA, Carlo. *Teologia da ternura: um “evangelho” a descobrir*. São Paulo: Paulus, 2002. p. 288.

¹⁸ Moltmann, Il Dio crocifisso..., In: ROCCHETTA, op. cit., p. 290.

¹⁹ Cf. McGrath, A.E., 209. In: ALMEIDA, Edson Fernando de. *Do viver apático ao viver simpático: sofrimento e morte*. São Paulo: Loyola, 2006. p. 54.

²⁰ MOLTSMANN, J. *Quem é Jesus Cristo...* op. cit., p. 40.

²¹ Cf. Id., *El Dios crucificado*, op. cit., pp. 344-345.

²² Cf. RABELO, Braz. *A mística cristã do sofrimento*. Op.cit., p. 80.

²³ Cf. Moltmann, O Deus crucificado (artigo), 731. In: GOMES, Paulo Roberto. *O Deus im-potente: o sofrimento e o mal em confronto com a cruz*. São Paulo: Loyola, 2007. p. 114.

²⁴ Cf. MOLTSMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo*, op. cit., p. 237.



Deus”, e, portanto, a história da história humana; logo, a história humana está em Deus, de forma genuinamente cristã. E a história de sofrimento e de esperança do homem está recuperada na “história de Deus” que acontece na cruz.²⁵

Para o autor, na cruz é possível falar de uma comunhão de vontade e de essência do Pai e do Filho. Essa unidade essencial implica também uma diferença e desigualdade entre o Pai e o Filho que estão separados pelo abandono, mas ao mesmo tempo identificados pela entrega. Nesse acontecimento, está presente o Espírito que une o Pai e o Filho num mesmo sofrimento que sai pleno de amor aos abandonados, para justificar os ímpios, e para vivificar os mortos.²⁶ Conforme Moltmann, Deus assume o sofrimento de Cristo na cruz para estar conosco nas nossas dores e para estar por nós na nossa culpa, ele é o Deus que assume o nosso lugar.

Cristo chega à mais profunda miséria, revelando no seu sofrimento a solidariedade de Deus para com as vítimas de todo tipo de violência. Seu sofrimento faz com que todos os que sofrem se sintam irmãos: é o sinal de que Deus participa de nosso sofrimento e toma sobre si as nossas dores.²⁷

Deus crucificado traduz a ideia central do amor que sofre em solidariedade com aqueles que sofrem. Esse amor solidário, que é revelado na cruz, é entendido como o aspecto encarnatório trinitário da cruz. É o reconhecimento da presença de Deus Pai, no Filho encarnado, sofrendo o abandono na cruz. Logo, a cruz é também um acontecimento de Deus.²⁸

A única coisa que o crente pode fazer é aceitar que Deus está na cruz, impotente como as vítimas, e interpretar essa impotência como o máximo de solidariedade com elas. A cruz na qual está o próprio Deus é a forma mais clara de dizer que Deus ama as vítimas deste mundo. Nela seu amor é impotente, mas é crível. E a partir daí é preciso reformular o mistério de Deus.²⁹

3. DEUS E SUA PARTICIPAÇÃO NO SOFRIMENTO HUMANO

Segundo o livro do Êxodo, 3,7-8, Deus veio a esta terra por causa do sofrimento do seu povo. Ele viu a opressão em que vivia os israelitas no Egito e se compadeceu, descendo para libertá-los. Ele permanece sendo o Deus dos pobres, dos pecadores, dos oprimidos.

A partir da tentativa de conciliar Deus e o sofrimento, percebemos a necessidade de pensar e perguntar pelo porquê do sofrimento e de que modo Deus está ou não presente nessa realidade. Nesse sentido, desejamos encontrar a imagem autêntica do Pai e sua relação com a dor e o sofrimento humanos.

²⁵ Cf. ROSINO, Gibellini. In: RABELO, Braz. Op. cit., p. 70.

²⁶ Cf. Moltmann. *Il Dio crocifisso*. In: RABELO, Braz. Op. cit., p. 100.

²⁷ MOLTSMANN, J. *Quem é Jesus...* op.cit., p. 67.

²⁸ Cf. TD, p. 66-67. In: BRAZ, Rabelo da Silva. Op. cit., p. 100.

²⁹ Cf. SOBRINO, Jon. *O princípio misericórdia: descer da cruz os povos crucificados*. Petrópolis: Vozes, 1994, p.24.



Hoje o sofrimento vem em decorrência das estruturas sociais que acarretam injustiças e desigualdades a um número sempre mais elevado de pessoas. Há estimativas de que a metade da humanidade atual esteja vivendo em condições indignas. A distância entre ricos e pobres aumenta, sobretudo nos países do terceiro mundo, nos quais poucas pessoas têm a chance de se desenvolver culturalmente.

Como já foi afirmado antes, Moltmann não admite um Deus que seja impassível e o “pathos divino se manifesta na relação de Deus com seu povo”. Ele nos faz confrontar imagens de Deus que necessitam ser superadas, pois nos impedem de perceber o sofrimento das vítimas e o “sofrimento” do próprio Deus, afetado por nossa história.³⁰

Moltmann afirma que o sofrimento de Cristo não é exclusivamente sofrimento seu, mas é *inclusive* nosso sofrimento e o sofrimento de nossos dias. Sua cruz está irmanada entre nossas cruzes como sinal de que Deus mesmo participa do nosso sofrimento e carrega nossas dores³¹.

O teólogo espanhol Jon Sobrino levanta algumas questões: “Como pode Deus exprimir um amor tão grande sem se deixar envolver pela miséria típica da condição humana? Ou, em outros termos, como pode Deus manifestar a credibilidade do seu amor aos homens radicados em uma situação não remida, sem assumir ele mesmo pessoalmente o sofrimento histórico? Com efeito, ‘um Deus incapaz de sofrer seria também incapaz de amar’, visto que a experiência humana revela que, na presente situação histórica, o amor deverá vencer sempre a prova do sofrimento. Neste caso, que Deus possa sofrer é bem outra coisa que um sinal de imperfeição, mas revela, ao contrário, a sua onipotência e o seu desmesurado amor pela humanidade, manifestado justamente na capacidade de ser radicalmente solidário com todos os homens e com cada homem. Nesse sentido, a morte de Jesus na cruz vem ser a expressão mais completa da credibilidade do amor de Deus por toda a humanidade e para com cada ser humano”.³²

Leonardo Boff, teólogo latino-americano, ao tratar sobre o tema da cruz, afirma que “a encarnação de Deus revela toda sua empatia e simpatia para com a humanidade pervertida; assume nossa carnalidade pecadora e as consequências que o pecado produziu em nossa história em termos de enfermidade, limitações da vida, violências, incompreensões e mortes. Deus, pela encarnação do Filho, fez desta antirrealidade sua própria realidade, por pura gratuidade (Rm 5, 10.15), maldito com os malditos, condenado com os condenados, crucificado com os crucificados”.³³

Para Moltmann, os sofrimentos de Cristo não podem ser desvinculados dos sofrimentos do seu povo: “Sendo ele de condição divina, não se prevaleceu de sua igualdade com Deus, mas aniquilou-se a si mesmo, assumindo a condição de escravo e assemelhando-se aos homens. E sendo exteriormente reconhecido como homem, humilhou-se ainda mais, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz (Fl 2,6-8)”.

³⁰ Cf. MOLTSMANN, J. *O Espírito da vida: Uma pneumatologia integral*. Petrópolis: Vozes, 1999, p.11.

³¹ Id. *Quem é Jesus Cristo para nós hoje?* Petrópolis: Vozes, 1997. p. 42

³² Cf. Sobrino, “La muerte de Jesús”. In: TAVARES, S. Sinivaldo. *A cruz de Jesus e o sofrimento no mundo*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 90.

³³ Cf. BOFF, L. Como pregar a cruz hoje numa sociedade de crucificados? *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 44, n. 173, p.71, mar. 1984.



Sendo Orígenes um dos poucos autores a aprofundar a relação entre Deus e o sofrimento, Moltmann afirma que o seu mérito está em implicar a perspectiva trinitária ao referir-se ao sofrimento de Deus. Ao falar do sofrimento de Deus, Orígenes tem em mente o sofrimento aceito por amor, a simpatia que está encerrada em toda a misericórdia autêntica. Quem se comiserar, participa no sofrimento alheio, toma sobre si o sofrimento alheio, sofre por outros, entrando em sua comunhão e carregando seus fardos. Este sofrimento solidário, vicário, e remidor por meio de vicariedade é o sofrimento de Deus.³⁴

Aquele que é misericordioso participa do sofrimento alheio, assume a dor do outro, sofre pelo outro. Tal sofrimento é, para Orígenes, o sofrimento divino. É a dor de Deus, é o sofrimento do Pai ao entregar o seu próprio Filho (Rm 8,32). O sofrimento do amor não se refere apenas à ação redentora de Deus ao exterior dele próprio, mas também à comunidade trinitária no interior dela mesma.³⁵

[...] qual é o sofrimento que Deus padeceu por nós? É o sofrimento do amor (caritas est passio). E o próprio Pai, o Deus do universo, “paciente e cheio de misericórdia” (Sl 103,8), não sofre ele também, de certa forma? Ou por acaso não sabes que ele, quando desce até os homens, sofre a dor humana? (...) Assim Deus assume a nossa condição, do mesmo modo que o Filho de Deus assume a nossa dor. O próprio Pai não é impassível (*Ipse pater non est impassibilis*). Quando é invocado, ele se compadece e compartilha do sofrimento. Ele padece do sofrimento do amor, passando a ser o que não pode pela magnitude da sua natureza, e suporta por nosso amor o humano padecimento.³⁶

Quem ama não suporta ver o sofrimento do outro e deseja vencê-lo. Por isso, o seu amor compartilha do sofrimento do outro, e experimenta na morte dele a própria morte. O alcance da dor é o mesmo alcance do amor, e o amor brota na experiência da dor – essa é a regra da vida real.³⁷

Moltmann diz: Deus sofre conosco, Deus sofre em nós, Deus sofre por nós. É por essa experiência de Deus sofredor e pelo infinito amor que se reconhece em Cristo, que se faz na vida a experiência de Deus unitrinitário.³⁸

Sempre que os homens sofrem por causa do amor, Deus sofre neles e eles em Deus. Quando Deus sofre a morte de Jesus, demonstrando aí o poder do seu amor, os homens também encontram poder para permanecer no amor, apesar da dor e da morte, sem amargura ou superficialidade.³⁹

Deus e o sofrimento não são contradições, porque o ser divino se encontra no sofrimento e o sofrimento no ser divino. Deus ama e sofre a morte de Cristo, porque não é “um frio poder celeste” que “caminha sobre cadáveres”, mas o Deus humano no Filho.⁴⁰

³⁴ Cf. MOLTSMANN, J. *O caminho de Jesus Cristo*, op.cit., p. 244-245.

³⁵ Id. *Trindade e Reino de Deus: Uma contribuição para a teologia*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 38.

³⁶ Ibid. p. 38, apud *Homilia VI sobre Ezequiel* (MPG, 13, 714s).

³⁷ MOLTSMANN, J. *Trindade...* op. cit., p. 65.

³⁸ BRAZ, Rabelo da Silva. *A mística cristã do sofrimento*. Dissertação de mestrado, Belo Horizonte, ISI/CES, 2003. p.89.

³⁹ Id. *Paixão pela vida*. São Paulo: Aste, 1978. p. 63.

⁴⁰ Cf. Moltmann, Il dios crocificado. In: GOMES, Paulo Roberto. *O Deus im-potente...* Op. cit., p. 118.



A teologia cristã tem a necessidade essencial de reconhecer o próprio Deus na paixão de Cristo e descobrir a paixão de Cristo em Deus mesmo. [...] a palavra paixão tem o duplo significado de sofrimento e amor ardente e nesse duplo significado está bem capacitada para expressar a verdade central da fé cristã. A fé cristã vive do sofrimento de uma paixão divina e é propriamente a paixão disposta a sofrer pela vida.⁴¹

CONCLUSÃO

Nesta pesquisa, partimos das perguntas existenciais que todos os seres humanos se fazem diante do próprio sofrimento, do sofrimento daqueles que são por eles amados ou quando se deparam com o sofrimento que atinge milhões de pessoas no mundo inteiro.

De onde, porém, vem o sofrimento? O sofrimento é também provocado pelo ser humano quando este opta pelo mal, ou seja, é uma resposta negativa da liberdade. É uma realidade inegável. Entretanto, esse mal não está na natureza das coisas; ele, portanto, indica uma parte de responsabilidade do ser humano. Sofremos também por causa da nossa condição limitada e finita, o sofrimento faz parte da nossa condição de criaturas.

A partir do pensamento dos filósofos gregos, profundamente marcado pela apatia, buscamos aprofundar o pensamento de Moltmann acerca desta questão, a fim de demonstrarmos que o Deus cristão sofre, se deixa afetar pelo sofrimento do seu Filho, e dos seus filhos.

Podemos afirmar que o aspecto mais conclusivo no pensamento do autor que elegemos, Moltmann, em se tratando deste tema, é o do *pathós* divino. Para ele, Deus sofre a dor do amor, sofre porque ama e se não sofresse não poderia amar. É por essa razão que o sofrimento se dá em Deus.

Deus entra na vida do ser humano para salvá-lo, libertando-o e possibilitando-o enfrentar o mal e o sofrimento. Com isso, buscamos demonstrar que em Deus não há impassibilidade, mas ele se deixa afetar pelo sofrimento dos seus. É um amor que se esvazia, se despoja, respeita até o fim a nossa liberdade e não cessa de nos chamar à conversão.

Somos convidados a experimentar Deus em nossa realidade, pois nossa participação no sofrimento do povo impede a apatia. Na pastoral, somos mediadores da ação de Deus no mundo. Aproximemo-nos dos que sofrem, tendo a certeza de que Deus age mediante nossa liberdade e se manifesta através de nós. Essa posição nos obriga a reformular a concepção de Deus que passa a ser pensada não somente em termos de um Deus que intervém em casos particulares, mas um Deus solidário que está sempre presente na vida do povo, sendo uma presença contínua e apoiando-os na luta e na derrota contra a dor. Um Deus que não abandona jamais os seus filhos, porém não age de forma intervencionista, mas continuamente na história.

Em nosso Continente, o povo marginalizado, explorado e escravizado identifica seu sofrimento com o Cristo crucificado. Em Cristo, nossas perguntas últimas e nossas esperanças definitivas encontram a resposta válida e insuperável. Deus jamais se cala diante do drama humano.

⁴¹ Cf. MOLTSMANN, J. *Quem é Jesus Cristo...*, op.cit., 46-47.



Chegamos ao fim desta pesquisa com a certeza de abordar, mesmo que de forma geral, os fatores decisivos do tema em questão, depois de ter apontado pistas que nos ajudam a encontrar um Deus apaixonado e presente no sofrimento da humanidade e que conta com a nossa colaboração diante desta realidade. Certamente não respondemos a todas as questões, pois isso faz parte de um processo, um caminho que vai sendo feito ao se unir a teoria à experiência cristã, na vida pessoal, espiritual e na pastoral. Além disso, as perguntas existenciais ultrapassam a nossa compreensão, pois fazem parte do mistério da existência, porém, o ser humano crente vive a tensão escatológica do “já” e “ainda não” e, desse modo pode caminhar com esperança mesmo diante do mistério.

BIBLIOGRAFIA

Livros:

- ALMEIDA, Edson Fernando de. *Do viver apático ao viver simpático: sofrimento e morte*. São Paulo: Loyola, 2006.
- BOMBONATTO, Vera Ivanise. *Seguimento de Jesus*. Uma abordagem segundo a cristologia de Jon Sobrino. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.
- CANOBBIO, Giacomo. *Dio può soffrire?* Brescia: Morcelliana, 2005.
- DURRWELL, François-Xavier. *A morte do Filho*. O mistério de Jesus e do homem. São Paulo: Loyola, 2009.
- GOMES, Paulo Roberto. *O Deus Im-potente*. O sofrimento e o mal em confronto com a cruz. São Paulo: Loyola, 2007.
- JOAO PAULO II. *Carta apostólica Salvifici doloris*. São Paulo: Paulinas, 1998.
- JONAS, Hans. *Le concept de Dieu après Auschwitz*. Paris: Éditions Payot & Rivages, 1994.
- KITAMORI, Kazoh. *Teología del dolor de Dios*. Salamanca: Sígueme, 1975.
- MOLTMANN, J. *El Dios Crucificado: la cruz de Cristo como base y crítica de toda teología cristiana*. Salamanca: Sígueme, 1977.
- _____. *Quem é Jesus Cristo para nós hoje?* Petrópolis: Vozes, 1997.
- _____. *O caminho de Jesus Cristo*. Cristologia em dimensões messiânicas, Petrópolis, Vozes, 1994.
- ROCCHETTA, Carlo. *Teologia da ternura: um “evangelho” a descobrir*. São Paulo: Paulus, 2002.
- SOBRINO, Jon. *O princípio misericórdia*. Descer da cruz os povos crucificados. Petrópolis, Vozes, 1994.
- TAVARES, S. Sinivaldo. *A cruz de Jesus e o sofrimento no mundo*. Vozes, 2002.

Artigos:

- BOFF, Leonardo. Como pregar a cruz hoje numa sociedade de crucificados? *Revista Eclesiástica Brasileira*, n.44, fasc.173, pp.58-72, mar., 1984.
- ESTRADA, Juan A. Desde el sufrimiento encontrarse con Dios? *Selecciones de teología*, Barcelona, v. 39, n. 156, p. 245-351, oct./dic., 2000.
- GARCÍA-MURGA, J.R.. Dios impasible o sensible a nuestro sufrimiento? *Selecciones de teología*, v. 33, n.130, abr./jun.,1994.
- KASEMANN, Ernst. Proclamar la cruz de Cristo a un mundo que engaña. *Selecciones de teología*, Barcelona, v.15, n.58, p.135-142, abr/jun., 1976.



- KASPER, Walter. Discusión sobre el concepto Cristiano de Dios. *Selecciones de teología*, Barcelona, v.14, n.53, p.31-36, ene/mar., 1975.
- LONG, Jean-Etienne. El amor infatigable de un Dios entregado. *Selecciones de teología*, Barcelona, n.171, p. 230-240, jul./sept., 2004.
- METZ, Johann Baptist. Cómo hablar de Dios frente a la historia de sufrimiento del mundo. *Selecciones de teología*, Barcelona, v.33, n.130, p.99-106, abr/jun., 1994.
- RONZE, Bernard. Dios también sufre? *Selecciones de teología*, Barcelona, v.17, n.66, p.155-163, abr./jun., 1978.
- VORGRIMLER, Herbert. La cruz de Jesús y las experiencias humanas dolorosas. *Selecciones de teología*, Barcelona, n. 187, p. 193-199, jul./sept., 2008.
- WETH, Rudolf. Salvación en el Dios crucificado. *Selecciones de teología*, Barcelona, v.11, n. 42, p.223-233, abr/jun., 1972.

Recibido em: 22/09/2016
Aprovado em: 17/10/2016